

Povos Indígenas no Brasil

Fonte Jornal da Manhã

Class.: 350

Data 20 de Junho de 1988

Pg.:

A igreja, o índio e o negro no Brasil

190
Gilda Maria Lins de Araújo.

Sempre tive curiosidade pelo papel da Igreja na história do Brasil. Curiosidade que aumentou e tomou outras direções quando passei a me interessar pela figura do índio, no contexto histórico colonial até os nossos dias.

Hoje, ao conhecer a publicação de Valéria Rezende - **Não se pode servir a dois senhores** - pude sentir a grandeza de uma pesquisa que vem ao encontro das nossas aspirações.

A obra divide-se em duas partes. A primeira (108 p.) dedicada exclusivamente à questão do índio em seus vários aspectos; e a segunda (57 p.) voltada para o caso dos negros africanos. A divisão não é estanque, pois as reflexões desenvolvidas, na primeira parte, vão encontrar, também na segunda, a comprovação de um dos mais polêmicos aspectos da história das relações entre brancos, índios e negros: o da transferência de valores culturais de uma cultura à outra.

Com uma linguagem simples e inserindo passagens do Evangelho, a A. nos vai revelando o ideal evangélico vivido pelos índios que, na visão distorcida da vida cristamente falsa dos colonizadores, eram considerados não cristãos; os objetivos e os deveres da Igreja; a crença na força da Evangelização; e a certeza de que, cada vez mais, o entendimento entre todos os homens e do homem como um todo, seja branco, preto ou índio, é fundamental na vida dos homens e de um País.

Além disso, encaminha o agente pastoral, pelo conhecimento da verdadeira história, a não oficial, a optar ou em favor dos "fracos" e oprimidos, ou em favor dos "fortes" e poderosos. A propósito, ao concluir seu pensamento sobre esta obra, Eduardo Hoornaet diz "Não é uma apresentação enfadonha de fatos passados; é excelente orientadora de nossos trabalhos pastorais" (8). O grifo é nosso. Compreende-se, então, tenha sido este texto escrito, são palavras da A., "em linguagem simples, para que seja acessível a todos, sem supor um grau de escolarização que é privilégio de poucos" (9), pois a grande maioria - os pequenos e humildes - cabe a tarefa da realidade evangélica.

Com objetivos claramente didáticos, e como uma primeira marca de suas pretensões, a A. delinea, logo de início, o que era o Brasil antes de 1500: Não havia nada, só índios. Esta é a interpretação da história do Brasil, apresentada nos diversos livros didáticos, nos quais vem registrando que o Brasil foi descoberto por Pedro Álvares Cabral. O que pretende a A., e o faz objetivamente, é fazer que compreendamos melhor porque ficamos com essa idéia sobre o Brasil e sobre os índios.

Da escravidão dos negros, decorrente da aversão do índio ao processo de escravização, segundo a estudiosa o que se pode ressaltar é que a Igreja se omitiu tanto ou mais na sua missão de respeito aos ensinamentos do Evangelho. "Se houve um esforço de uma parte da Igreja da Colônia para evangelizar e defender a liberdade dos índios, não se pode dizer que houve a mesma dedicação para com os escravos africanos" (11).

Qual seria, então, a herança dessa Igreja Colonial? Entreguemos a palavra à própria A. que, com a autenticidade dos que se preocupam com as minorias sofridas, assim conclui o trabalho: "Mas, ao lado de tudo isso, a Igreja dos primeiros séculos do Brasil deixou também, em sua herança, a fé cristã autêntica vivida por tantos brasileiros, principalmente entre os pobres. Deixou também o testemunho de todos aqueles que lutaram, até à custa da própria vida, do modo como foram capazes, pela liberdade e pela justiça em nome do Evangelho. O exemplo não deixou de dar frutos durante toda a história da Igreja no Brasil, até os nossos dias" (166).

Este livro, portanto, vem preencher lacunas dos livros didáticos e, simultaneamente, acrescentar mais dados ao conhecimento do processo histórico e evangelizador do Brasil Colonial. E, embora recomendado em princípio aos missionários, vale a pena estender a sugestão a todos que se interessem em conhecer a problemática que envolve essas duas raças no Brasil.

Gostaria de concluir esses meus comentários fazendo uso das palavras finais de Pedro Casaldáliga, bispo de São Félix do Araguaia, MT, na sua apresentação, pois elas trazem consigo a emoção e o sentimento que a Autora conseguiu revelar e me despertar: "Muito obrigado, Valéria. Muito obrigado, CEHILA e Edições Paulinas. O povo de Deus de nossas comunidades saberá agradecer, com a prática evangélica de uma História nova, esse esclarecimento surpreendente da velha História, que vocês, com este livro, estão lhe oferecendo" (6). Assim espero.